

Representações da pluralidade cultural na luta para a inclusão e contra o racismo: o sonho intercultural na vida e na obra de Jorge Amado

Representations of cultural plurality in the fight for inclusion and against racism. The intercultural dream in the life and work of Jorge Amado

Antonella Rita Roscilli*
Universidade Federal da Bahia
Salvador, Bahia, Brasil

Resumo: Nosso trabalho tem o objetivo de refletir sobre a noção de Pluralidade Cultural na obra de Jorge Amado. Por isso busca problematizar as relações entre o conceito de Alteridade, Racismo e o pensamento do escritor brasileiro Jorge Amado (1912-2001) que fez da literatura uma ferramenta para lutar contra os preconceitos raciais. Analisando alguns momentos importantes da sua biografia e alguns elementos de mediação simbólica, presentes em obras literárias como *Capitães da Areia*, *Gato Malhado e Andorinha Sinhá* (1948), *Dona Flor e seus dois maridos* (1966) e *Tenda dos Milagres* (1969), mostramos a modernidade e atualidade do pensamento de Jorge Amado também em relação ao conceito de Intercultura. O trabalho aqui proposto é parte integrante das pesquisas que viemos desenvolvendo desde 2010 e que começamos a apresentar no Curso Jorge Amado 2012 - II Colóquio de Literatura Brasileira, na Academia de Letras da Bahia-ALB.

Palavras-chave: Jorge Amado. Crítica Literária. Intercultura. Alteridade. Racismo

Abstract: Our work aims to reflect on the notion of Cultural Plurality in the work of Jorge Amado. Seeks to problematize the relationship between the concept of Alterity, Racism and the thought of the Brazilian writer Jorge Amado (1912-2001) who made literature a tool to fight against racial prejudices. Analyzing some important moments of his biography and some elements of symbolic mediation, present in literary works such as "Capitães da Areia", "Gato Malhado e Andorinha Sinhá" (1948), "Dona Flor e seus dois maridos" (1966) and "Tenda dos Milagres" (1969), we show the modernity and currentness of Jorge Amado's thought in relation to the concept of Interculture. The work proposed here is an integral part of the research that we have been developing since 2010 and that we started to present at the Jorge Amado Course 2012 - II Colloquium of Brazilian Literature, at the Academia de Letras da Bahia-ALB.

Keywords: Jorge Amado. Literary criticism. Interculture. Alterity. Racism

Já faz muitos anos que no meu país, a Itália, como brasilianista, me ocupo de sociedade e cultura do Brasil, são quase trinta anos. Mas sempre lembro que quem me convidou a primeira vez na cidade de São Salvador, na Bahia, foi a mulher importante da vida do grande escritor Jorge Amado: Zélia Gattai. Dela, com passar do tempo, me tornei biógrafa. Meus estudos acadêmicos na Universidade "La Sapienza" de Roma, haviam resultado na primeira tese realizada sobre a vida e a obra dela, que foi publicada em 2006 no Brasil com título *Zélia de Euá rodeada de Estrelas*, pela editora Casa de Palavras, da Fundação Casa de Jorge Amado, com prefácio de Myriam Fraga.

Apreendi muito com a vivência com Zélia Gattai, filha e neta de imigrantes italianos, mas logo me dei conta que não se consegue trabalhar sobre a obra literária dela sem conhecer fundo a biografia dela e alguns contextos históricos da Itália e do Brasil, sem trabalhar com Jorge Amado, a biografia e a obra dele, e os contextos históricos, pelo fato de os dois estarem entrelaçados em múltiplos e maravilhosos laços indissolúveis. Jorge Amado é talvez o escritor brasileiro mais

* Doutorado em Estudos Multidisciplinares em Cultura e Sociedade da UFBA. E-mail: r_antonella@yahoo.it.

conhecido no mundo e deixou uma obra vasta, multifacetada, que fascina o público mundial, mas sobretudo pode ser objeto de múltiplas análises e reflexões sobre os tantos Brasis que compõem este complexo país sul americano, fruto de culturas e povos que aqui se entrecruzaram, e que ainda hoje em dia não sempre são todos respeitados.

A multiculturalidade é um segmento que caracteriza fortemente o Brasil e, mesmo que este conceito possa não ser aceito por alguns, são as diferenças que representam a verdadeira riqueza deste imenso território. Anos e contextos históricos diferentes, portanto, paradoxalmente, não constituem algum obstáculo à análise da obra de Amado, pois ainda hoje em dia, muitos dos problemas de inclusão social e da exclusão que estão ao centro dos seus livros continuam sendo sempre os mesmos. Por esse motivo escolhi de refletir um pouco sobre a alteridade, a pluralidade cultural e o que chamo de "sonho intercultural" presente na vida e obra de Jorge Amado.

Dividi este texto em duas partes. Na primeira estarei analisando um pouco o contexto biográfico de Jorge Amado. Essa primeira parte nasce também da minha reflexão de um comentário feito na Itália por algumas pessoas que, mesmo gostando da obra amadiana, às vezes olham a obra dele somente do ponto de vista exótico, sem se interessar com o que existe além e em baixo das "primeiras camadas", ou seja, não se interessam em conhecer o grande empenho político e social dele, sua biografia.

Estou sempre mais convencida de que seja importantíssimo ressaltar os acontecimentos da vida de um ser humano, conhecer o comportamento dele, para entender quem ele é na realidade e se obra e vida são coerentes. Foi por todas estas razões que na emissora pública RAI-Radiotelevisione italiana, onde trabalhei por muitos anos, na Itália, decidi fazer uma pesquisa e encontrei uma grande quantidade de material e entrevistas que existem sobre ele. Fiz um projeto e uma proposta que foi aceita pela diretora Barbara Scaramucci, diretora dos Arquivos de Rai-Teche, e em 2012, para o ano do centenário de Jorge Amado, realizamos o primeiro documentário europeu de uma TV pública européia sobre a vida deste grande escritor. Até agora apresentei este documentário na Itália, no Brasil e na França.

Conforme reparei durante minhas entrevistas e pesquisas, na Itália são muitas as pessoas italianas que querem conhecer o Brasil por ter lido obras de Jorge Amado (1912-2001). Por isso podemos afirmar que o papel dele na divulgação da cultura brasileira no mundo foi/é/será única. E não estou exagerando em afirmar que, na minha opinião, o verdadeiro Embaixador do Brasil no exterior há quase um século é Jorge Amado. Suas obras, traduzidas em 49 idiomas, contêm profundos significados sócio-políticos, e representam o símbolo de uma vida inteira voltada aos ideais da paz e da justiça social. O objetivo dele foi o de escrever para um grande número de leitores para libertar a literatura do domínio da elite.

As raízes da sua escrita encontram-se na tradição popular nordestina e na estética do realismo crítico e de denúncia. Na verdade, ele conhece muito bem o Brasil real das tramas políticas dos coronéis do Norte e Nordeste; dos preconceitos sociais contra negros, indígenas e mestiços; da poderosa força religiosa dos cultos afro-brasileiros, e da má distribuição das riquezas. No trabalho e na vida teve perto dele, por 56 anos, uma pessoa simplesmente especial: Zélia Gattai, filha e neta de emigrantes italianos anarquistas.

Com ela compartilhou tudo, desde a revisão de livros, até o amargo exílio. Se conheceram em 1945, durante o 1º Congresso Brasileiro de Escritores, em São Paulo. Em seis meses Zélia tornou-se parceira de discussões e sonhos. Foi viver com ele e, a partir daí, nunca mais se separaram. Cúmplice de viagem e aventuras, dividiu com ele tudo, inclusive o exílio e a paixão pelas histórias. E ela mesma se tornou escritora a partir de 1979 com o livro *Anarquistas, Graças a Deus* (SPERLING e KUPFER, 2001). Além do amor os uniu o ideal político, o ideal da liberdade, da igualdade de direitos e um profundo respeito para todos os seres humanos, conforme ela:

Eu era fascinada por aquele homem inteligente e corajoso. Escrevia, o prendiam, e saía e continuava escrevendo e fazendo política. O colocavam novamente na prisão, saía e continuava. Eu tinha lido todos os seus livros", me contou ela em uma entrevista ... e seus olhos brilharam. (ROSCILLI, 2006, p. 77)

Persistência seja talvez a palavra mais apropriada para expressar a ação de uma vida inteira, falando em Jorge Amado. Gostaria então de ressaltar, antes de tudo, alguns momentos da vida dele para lembrar o quanto ele foi perseguido pelas suas ideias e livros, que o mostram ao lado dos excluídos e invisibilizados da sociedade, mas que ele ilumina e faz protagonistas. A própria vida dele é exemplo de quanto, apesar das perseguições, sempre se levantou com coragem e dignidade encontrando novas formas para continuar sua missão.

No início dos anos '30 do século XX, estuda Direito Social no Rio de Janeiro, mas suas paixões são jornalismo e literatura. Em 1932, convencido por Rachel de Queiroz, torna-se ativista político do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Em 1936 é preso pela primeira vez no Rio de Janeiro, acusado de ter participado da "Intentona Comunista", uma tentativa de golpe contra o governo de Vargas feita pelo Partido Comunista Brasileiro em nome da Aliança Nacional Libertadora. Libertado, faz uma longa viagem dentro do Brasil e é preso novamente. Em 1938, muda-se para São Paulo.

Nos anos 1938/40 publica no jornal *Dom Casmurro* e no suplemento literário da revista *Diretrizes* relatos de suas viagens que mais adiante formarão a maravilhosa obra *A ronda das Américas* publicada em 2001 pela editora Casa de Palavras da Fundação Casa de Jorge Amado. Nos primeiros anos da década de 40, para escapar da polícia política de Vargas, se auto-exila em Buenos Aires e Montevidéu (1941-1942). Publica *ABC de Castro Alves*, (1941) uma belíssima obra sobre o poeta que sempre lutou contra a escravidão, e uma biografia de Luiz Carlos Prestes *O Cavaleiro da Esperança* (1942), publicada em espanhol em Buenos Aires e proibida no Brasil. Retorna ao Brasil, é novamente preso em cárcere domiciliar em Salvador. Em seu retorno à liberdade, um ano depois, nasce *Terras do Sem Fim* (1943), o primeiro livro a ser publicado e vendido após seis anos de proibição de suas obras.

Foi escrito à distância do exílio, ainda na Argentina, e publicado em 1943. O livro descreve conflitos em busca da conquista da terra nas florestas da Bahia, para transformá-los em plantações de cacau. Em 1945 é eleito deputado federal pelo PCB com 15.315 votos, como representante do Estado de São Paulo, e faz parte da Assembleia Constituinte. Tornam-se leis algumas propostas importantes dele como a Lei de Liberdade de Culto, vigente até hoje. Com o cancelamento do registro do Partido Comunista, em 1948, o mandato é cassado e seus livros são novamente considerados materiais subversivos e proibidos. Perseguido, exila-se com a família na Europa. Junto com Zélia e o primeiro filho João Jorge, o escritor conhece a União Soviética e os países da Europa Ocidental. Vivem exilados em Paris (1948-1950) e Praga (1951-1952) onde nasce a filha Paloma. Publica *O Mundo da Paz* (1951) e escreve a trilogia *Os Subterrâneos da Liberdade* que só será publicada no Brasil em 1954. Voltam para o Brasil em 1952. São os anos da Guerra Fria no mundo e das ditaduras na América Latina. No Brasil está novamente Getúlio Vargas.

Horrorizado com as ideologias tanto da direita quanto da esquerda, Jorge Amado abandona a militância política, declarando que seu engajamento é prejudicial a sua atividade literária. A decisão apenas modifica o seu modo de pensar o mundo. Passa a aceitar a ideia de que tanto a moral e a nobreza de espírito quanto a vilania e a malandragem são frutos não da riqueza ou da pobreza, mas da vontade do caráter de cada um. Passa assim para uma narrativa ainda comprometida, mas abre uma nova fase expandindo as temáticas na narrativa em prosa,

incorporando elementos como o lirismo e a ironia, e mantendo sempre seus ideais pela paz e a igualdade dos seres humanos.

Os livros seguintes ao período de militância política continuam girando em volta de personagens marginalizados, revelando de fato uma prosa fantástica, que descreve os costumes e tradições da Bahia. Esta segunda fase se abre em 1958 com o romance *Gabriela, Cravo e Canela*, traduzido para 33 idiomas. Cronologicamente seguem outros quais *A morte e a morte de Quincas Berro d'Água* (1961), *Os Velhos Marinheiros ou Capitão de Longo Curso* (1961), *Os Pastores de Noite* (1964), *Dona Flor e seus dois maridos* (1966), *Tenda dos Milagres* (1969), *Tereza Batista Cansada de Guerra* (1972), *Tieta do agreste* (1977), *Farda, Fardão e camisola de dormir* (1979), *Tocaia Grande* (1984), *O Sumiço da Santa* (1988), *A Descoberto da América pelos Turcos* (1992), *Milagre dos Pássaros* (1997), etc.

Seus textos encantam seus leitores e muito o leitor estrangeiro pelo lado exótico, também na Europa e na Itália onde, a assim chamada "literatura latino-americana" naqueles anos em geral faz muito sucesso. Na realidade, Jorge Amado, talvez, encontrou uma nova forma de expressar seus ideais. Na minha opinião ele utiliza as histórias da Bahia sim para divulgar a cultura baiana, mas também como metáfora para continuar lançando a sua mensagem, não mais direta como na primeira fase, mas sutil e enriquecida por elementos populares, que fazem com que ele esteja livre da censura política. Entre a imaginação de histórias, a montagem de personagens e a perspectiva da narrativa, ele continua expressando, de fato, uma crítica social profunda e política a um país que ainda oscila entre o arcaico e o moderno, a Idade Média e o capitalismo, permeada pelo racismo social que exalta as origens europeias, mas nega e despreza, muitas vezes, a cultura indígena e afro-brasileira, dos excluídos e dos invisibilizados. Amado torna-se o cantor deles.

Utiliza frases provocadoras e cheias de verdade no ditado que todo branco brasileiro tem gotas de sangue negro nas veias. A descoberta da religião do Candomblé e o contato com as tradições afro, a culinária da Bahia, "o jeito de ser baiano", a história da escravidão africana, o leva a desenvolver uma visão específica do Brasil e da cidade do Salvador. Chega nesta cidade em 1922, com 10 anos de idade, para frequentar o Colégio Antônio Vieira e permanece em Salvador até 1929, quando se muda para o Rio de Janeiro.

Eu vivia em todo lugar, no mercado de Água dos Meninos, no mercado de Sete Portas e comia sarapatel e maniçoba. Frequentava festas populares, festas de rua, comia peixe com os marinheiros. (DOS SANTOS, 1993, p. 73).

Mora em um casarão do Pelourinho, e obtém um emprego como repórter do Diário da Bahia. Em seguida, trabalha como jornalista em revistas como *A Luva*, *Dom Casmurro*, *Para Todos* e *O Imparcial*. Em 1929, junto com Edison Carneiro e Dias da Costa escreve a novela *Lenita* e junta-se a um grupo de intelectuais com quem funda a *Academia dos Rebeldes* tentando fazer "arte moderna, sem ser modernista." Funda duas revistas: *Meridiano* e *O Momento*. Viver com o chamado *Movimento dos anos 30* marca profundamente sua personalidade e preocupação com os problemas sociais.

A cidade de Salvador o inspira para escrever romances de caráter proletário com a valorização do povo, e no "Boletim de Ariel" descreve muito bem seu pensamento: A literatura proletária é uma literatura de luta e revolta sem enredo e sem heróis em primeiro plano. É mais crônica e panfleto do que romance no sentido burguês. O romance proletário tem que se despreocupar com a moral burguesa. (AMADO, 1933, p. 292).

Em 1931 publica *O País do carnaval*, em 1933 *Cacau*, em 1934 *Suor*. No ano seguinte lança *Jubiabá* que se torna um sucesso internacional, é elogiado por Albert Camus, escritor franco-argelino, e futuro Nobel de Literatura (1957), em um artigo do jornal *Alger Républicain*. Em 1936

publica um dos livros mais líricos: *Mar Morto*, que inspirará o amigo-irmão Dorival Caymmi a compor a música *E' doce morrer no Mar*, e será o próprio Jorge Amado a escrever o texto. Em 1937, com o colega da *Academia dos Rebeldes* Edison Carneiro, jornalista, escritor, poeta, organiza em Salvador o II Congresso Afro-brasileiro, que em parte se opõe ao primeiro, organizado em 1934 por Gilberto Freyre, em Pernambuco, Recife.

Esta oposição, de acordo com o testemunho do escritor Waldir Freitas Oliveira, nasce pelo fato de que em Salvador existem outras ideias sobre os problemas da população afro-descendente. Como afirma na entrevista em *As Pesquisas na Bahia sobre os Afro-Brasileiros*, (2004, p. 127): "Não concordávamos, integralmente, com a concepção de Gilberto Freyre sobre a formação social do Brasil e com a sua teoria sobre relações raciais".

Edison Carneiro, grande conhecedor da cultura yorubá, abre o Congresso no dia 11 de janeiro com estas palavras:

Este Congresso pretende abordar a influência do Africano no desenvolvimento do Brasil do ponto de vista histórico, etnográfico, antropológico, sociológico, jurídico e da psicologia social. Em suma, todos os problemas das relações raciais no país. É com uma base científica, mas também com grande parte popular. O Congresso não só reúne o trabalho de especialistas brasileiros e intelectuais e estrangeiros, mas interessa a massa do povo, todas as pessoas ligadas à vida artística, econômica, a vida religiosa do negro do Brasil, por tradições culturais e por empenho político ou por qualquer outra razão". E Amado, em seu corajoso discurso, enfatiza que a produção de especialistas acadêmicos em estudos afro-brasileiros, rompe com a "vergonha" e "covardia" do intelectual brasileiro, no "reconhecer e estudar a contribuição do negro na formação de um sentido nacional [...] e a contribuição do trabalho, da inteligência "do negro para a formação do Brasil" (1940, p. 325-326).

Um dos grandes resultados do II Congresso é a criação em Salvador, da União das seitas Afro-brasileiras da Bahia. Poucos meses depois, no jornal Estado da Bahia (17 de dezembro 1937), na página 3, podemos ler:

Em 19 de novembro de 1937 em frente à Escola de Aprendizes Marinheiros, na cidade de Salvador, são queimados os livros considerados subversivos: são queimados na praça pública 808 exemplares de "Capitães da Areia", 223 cópias do livro "Mar Morto", 89 cópias do "Cacau", 93 exemplares de "Suor", 267 exemplares de "Jubiabá", 214 exemplares de "O País do Carnaval". Todos os livros são retirados das bibliotecas Editora Baiana, Catilina e Souza e estão em perfeitas condições.

Censurado e perseguido desde sua publicação, *Capitães da Areia* é publicado durante o surgimento do "Estado Novo", 10 de novembro de 1937. Antes do golpe o Brasil está já oficialmente em guerra através da censura, prisão política, negação dos direitos e de liberdade. O esforço do Ministro da Educação Gustavo Capanema e toda uma rede de instituições que inclui o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), faz com que muitos escritores sigam o projeto getulista de "uma arte de celebração da pátria, Deus e família, bem como uma glorificação do folclore".

Já em 1935, a partir do nascimento da Aliança Nacional Libertadora (ANL), escritores, artistas, editores, jornalistas e intelectuais da oposição são definidos perigosos para o Estado. No caso de Jorge Amado, os problemas começam antes: *Cacau* já tinha experimentado a censura, mas uma vez que para a medida, em 1933, o livro vende 2.000 cópias em apenas 40 dias. Amado está na prisão quando publicam o livro *Mar Morto*. Preso novamente em 6 de novembro de 1937, é na prisão que o informam da queima pública de seus livros, entre os quais está *Capitães da Areia*.

O fogo da queima deixa bem claro o reconhecimento do poder comunicativo da narrativa amadiana, uma força que vem do projeto de querer construir uma literatura de denúncia e de reconhecimento oficial da realidade, sem hipocrisia, sem esquecimentos históricos. Desde o início da década, o autor tem sido proibido pelo regime, por seus livros com referências explícitas ao mundo do trabalho, à exclusão social. O romance amadiano olha para a base da sociedade iluminando os marginalizados, está ao lado dos descartados da sociedade oficial brasileira, e faz isso para construir o ser humano. No centro da sua narrativa estão portanto pessoas que levantam a cabeça para enfrentar as adversidades consequentes de estruturas sociais excludentes. São personagens como Sergipano de Cacau, Linda de Suor, Balduino de Jubiabá, cujas ações e palavras, não só se encaixam nas lutas históricas, mas propõem uma "pedagogia da indignação."

Amado escreve para dar dignidade às pessoas e culturas humilhadas pela exploração econômica, pelo racismo de classe e de cor. Pela primeira vez na literatura brasileira, há um protagonista afrodescendente (Antonio Balduino de Jubiabá) tratado como um herói em todos os estágios de sua formação, desde a infância de órfão, menino de rua, até o amadurecimento como cidadão, que ganha com esforço a conscientização.

A mesma atitude se reflete em *Capitães da Areia*. Os meninos, liderados por Pedro Bala, nascem como vítimas de uma sociedade opressora e hipócrita onde a elite, os privilégios e conservadorismo, negam a igualdade de direitos sociais e econômicos. A violência dos meninos vem sendo advertida, portanto, como uma resposta à violência social, sofrida por grande parte do povo. A importância dos meninos aumenta com o drama de Sem Pernas que prefere o suicídio ao reformatório, com o senso de culpa de Pedro Bala, quando ele pensa na vítima dele, com a leitura em voz alta de João José, o único que sabe ler e que tem o papel de conscientizar através da leitura. Com ele, ler e narrar vira um ato político.

Dessa forma Amado dá dignidade a essas crianças excluídas: são leais, solidárias, lêem, ouvem, aprendem a força revolucionária da palavra, aquela palavra capaz de transformar crianças abandonadas em cidadãos conscientes. Na fuga de Pedro Bala da prisão e no mergulho no oceano para seguir o cadáver de sua amada, no vôo da morte de Sem Pernas pulando da cidade alta e rica, até a cidade baixa e pobre, nós encontramos uma descida infernal que prepara ao reconhecimento definitivo dos personagens. A desigualdade que gera os meninos de rua é a mesma que produz o cangaceiro (Volta Seca), o marginal urbano (Gato) e o ativista político (Pedro Bala).

Os meninos se tornam adultos e a delinquência infantil se transforma em envolvimento proletário, graças ao nascimento de uma consciência social. O reconhecimento final dos personagens é no momento em que o grupo se move em direção das lutas sindicais e políticas. É "a rebelião de uma classe social que levanta a cabeça": esse é o "salto" sonhado por Jorge Amado em 1937. Amado não apenas faz da injustiça, causada pela desigualdade, o núcleo do romance, mas quer falar sobre os excluídos, colocando ao centro os marginalizados. Esta obra permanece jovem e viva. Dela nasceu uma minissérie realizada pela Rede Bandeirantes em 1989 e um filme dirigido por Cecília Amado.

"Eu não queria mais do que ser um escritor do meu tempo e meu país. Eu nunca tentei fugir do drama que vivemos. Eu nunca pretendi ser universal a não ser brasileiro e sempre mais brasileiro. E poderia dizer, mais e mais baiano, cada vez mais um escritor baiano" (AMADO, 1961, p.23).

A coragem e a persistência de Jorge Amado na luta pela justiça social se manifestaram sempre e aqui gostaria de lembrar de um trecho de "Nem a rosa, nem o cravo", um texto que Amado publicou em 1945 e que muito me emocionou pela perfeição das palavras, pela sensibilidade e coragem dele. Eu tive a honra de traduzi-lo em italiano e publicá-lo na revista *Sagarana* em 2010 na Itália, país onde o texto se encontrava ainda inédito:

Como dizer das árvores e das flores, dos teus olhos e do mar, quando as crianças são assassinadas friamente pelos nazistas? [...] Contra tudo que é a beleza cotidiana do homem, o nazi-fascismo se levantou, monstro medieval de ávido apetite assassino. Outros que falem, se quiserem, das rosas [...]e dos versos mais belos e mais tristes. [...]Outros que falem as grandes palavras de amor para a bem-amada. [...] Perdi o sentido destas palavras, destas frases, elas me soam como uma traição neste momento. [...]Não encontrarás um cravo ou uma rosa, uma flor na minha literatura. Mas encontrarás um punhal ou um fuzil, encontrarás uma arma contra os inimigos da beleza, contra aqueles que amam as trevas e a desgraça, a lama e os esgotos, contra esses restos de podridão que sonharam esmagar a Poesia, o Amor e a Liberdade! (AMADO, 1945)

A Liberdade em Amado prevê o reconhecimento e o respeito da Alteridade, do Outro, da pluralidade sociocultural, das trocas, e trocas prevêem diferenças. O princípio da Intercultura, de um diálogo intercultural, se encontra no fato de se poder enriquecer no encontro das diferenças. É a constatação de que uma cultura resulta de mútuas trocas e empréstimos, onde a diversidade constitui uma das raízes do desenvolvimento dela. Partindo de vários amplos elementos históricos e através de contribuições de estudos sobre Multiculturalismo e Transculturação de estudiosos italianos como Armando Gnisci, o brasileiro Julio Monteiro Martins ou o filósofo guineense Filomeno Lopes, para uma reflexão crítica da noção de Alteridade, podemos afirmar que na realidade, na Europa, a questão da diversidade cultural começa a ser tema de interesse, somente a partir do processo de descolonização ocorrido na África (sobretudo com as colônias portuguesas e francesas), e sobretudo com o consequente fluxo de emigrantes das ex-colônias para o continente europeu. Este movimento migratório alcançou seu auge nas décadas de 80-90 do século XX.

Mas nesta parte problematizaremos agora as relações entre o conceito de Alteridade e o pensamento do escritor brasileiro Jorge Amado (1912-2001) que fez da literatura uma ferramenta para lutar contra a exclusão e os preconceitos raciais. Analisando alguns elementos de mediação simbólica, presentes em obras literárias como *Gato Malhado e Andorinha Sinhá* (1948), *Dona Flor e seus dois maridos* (1966) e *Tenda dos Milagres* (1969), a modernidade e atualidade do pensamento de Jorge Amado em relação ao conceito de Intercultura está muito claro.

Se é verdade que no “encontro das diferenças” tem se produzido o enriquecimento da sociedade humana no seu todo e em múltiplas dimensões, não é menos verdade que no confronto das diferenças se registram, em alguns casos, os maiores prejuízos para a dignidade humana. Genocídio, racismo, xenofobia, discriminação são, infelizmente, marcas ainda visíveis no século XXI. Por isso, defender o princípio da interculturalidade significa prestar atenção à nossa prática diária e combatermos todas as atitudes discriminatórias, no contato com a “diferença”, seja ela cultural, de aspeto físico, de religião, etc.

“Todos diferentes, todos iguais” não é ainda um sentimento enraizado em cada um de nós. Reafirmo aqui, como já tive oportunidade de dizer em várias ocasiões e palestras, que nessa perspectiva, o Brasil é sim um País jovem, mas há muito tempo experimentou (e de forma violenta) tudo o que na Europa está acontecendo com as recentes imigrações: mistura de povos e culturas. Nesse sentido, se encaixa perfeitamente o sonho intercultural do escritor Jorge Amado e o seu pensamento foi/é e será considerado ainda por muito tempo, um pensamento de vanguarda. Vou agora explicar os motivos, mas antes tenho que fazer uma premissa e lembrar um princípio fundamental do pensamento cartesiano: a cultura europeia criou sempre polaridades racionais que se baseavam numa lógica disjuntiva: ou isto ou aquilo.

Conforme o prof. Sérgio Paulo Rouanet na palestra “A utopia mestiça de Jorge Amado” proferida no dia 19 de março de 2012 em Paris, na Universidade La Sorbonne, na “Matinée

littéraire sobre o Centenário di Jorge Amado” organizado pela Universidade (Paris 3) em colaboração com a Academia Brasileira de Letras:

O pensamento de Jorge Amado tende a ser conjuntivo – não ou/ou, mas e/e. Contribuindo para que as oposições entre os dois planos, o mágico e o da realidade cotidiana, sejam atenuadas pelo jogo da lógica conjuntiva, Jorge Amado acentua mais as semelhanças que as diferenças, e com isso predispõe para a tolerância. Tudo isso se ajusta como uma luva a Jorge Amado. É o que acaba percebendo Dona Flor. Por que escolher entre Teodoro e Vadinho, quando os dois maridos correspondiam a lados igualmente legítimos de uma só pessoa, o lado respeitável de Dona Flor e seu lado sensual, seu sim e seu não? Depois de renunciar ao comunismo e com o fim da guerra fria, Jorge percebeu que não se tratava de escolher entre o socialismo e a liberdade, mas de acolher numa nova síntese uma e outra coisa. O predomínio crescente da lógica conjuntiva reforça a crença de Jorge Amado nas virtudes do sincretismo. Em vez de rejeitar a cultura do Outro, segundo a lógica disjuntiva, Amado acha que a cultura própria e a alheia deveriam assimilar-se, sob a ação da lógica conjuntiva. O movimento antropofágico de 1924 já havia lidado com o tema da alteridade. O outro não deveria ser negado, mas devorado, o que nele fosse válido seria guardado, o que não fosse válido seria expelido. Jorge Amado nos alerta que chegou a hora de mudar de paradigma, se quisermos realmente estabelecer um contato com o Outro. Não se trata mais de devorá-lo, mas de interagir com ele, para que novas sínteses possam emergir com naturalidade. [...] Contra o racismo somático e cultural, a verdadeira solução é a mestiçagem. Uma das razões da atualidade de Jorge Amado vem justamente de sua contribuição para o tema da relação entre as culturas. Amado faz uma crítica do racismo tradicional, baseado nas teorias supostamente científicas de Gobineau e Chamberlain. Eram as teorias ensinadas pelo professor Nilo Argolo, que no romance "Terra dos Milagres" chegava ao extremo de advogar um apartheid para os negros brasileiros. Mas critica também os partidários do movimento negro americano, que exalta a raça negra e defende a preservação de sua pureza. Jorge dá a essa tendência seu verdadeiro nome: racismo às avessas, digno de ser encampado pelo professor Nilo Argolo. Na realidade entre os direitos humanos, o mais valioso é precisamente o direito a descentrar-se, a transcender sua cultura, a escolher o universal.

Eis que a criação literária amadiana é aberta portanto a uma lógica plural cultural e social, é aberta à representação da heterogeneidade e do cruzamento de culturas, baseada na tolerância, no exercício de solidariedade, na encenação da constante negociação entre as diversas matrizes do contexto cultural brasileiro. Este espaço, marcado pela diversidade, e em que circulam e coabitam formas tradicionais, modernas e midiáticas, vira espaço de análise universal.

Os dois romances de Jorge Amado *Terra do Milagre* e *Dona Flor e seus dois maridos* encenam territórios diferentes, interétnicos, confrontando imaginários, formas de conhecimento e práticas sociais. Neles, além da dimensão da ética intercultural que orienta a obra, aflora, de maneira mais explícita, a perspectiva intercultural de interpretação da realidade. Mas na minha opinião é no livro *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá* que encontramos o símbolo mais delicado e mais verdadeiro e fundo do pensamento de Jorge Amado, importante para educar, para ajudar a refletir sobre as diferenças e a Alteridade, já a partir da infância.

Trata-se de um livro infanto-juvenil que Amado escreveu em 25 de novembro de 1948, em Paris, onde residia com Zélia Gattai e o filho João Jorge. Não tinha intenção de publicá-lo; era um presente para o seu filho no seu primeiro aniversário. É a história de um gato teimoso que se apaixona por uma andorinha adorável, causando estranheza em todos os outros animais que habitavam um parque. A Andorinha está prometida ao Rouxinol mas, ao mesmo tempo, incentiva o amor do Gato. Acontecem juras, o Gato escreve poemas, eles passeiam juntos enquanto as outras personagens condenam este amor, considerado impossível.

O encontro entre eles produz o sentimento do amor, apesar das evidentes diferenças entre os dois: Esta é uma das mais belas histórias de amor e respeito à diversidade, um verdadeiro tratado contra o racismo, contra a intolerância ao "Outro", ao diferente de si. A narrativa mostra como duas criaturas bem diferentes podem não apenas conviver em paz, mas também podem ser capazes de mudar a forma de como cada uma vê o mundo, para finalmente poder se amar: símbolo mais delicado deste não há. Leve metáfora e livro universal, já nas primeiras frases na minha opinião contém o conceito completo que podemos encontrar na obra amadiana: "O mundo só vai prestar para nele se viver, no dia em que a gente ver um gato maltês casar com uma alegre andorinha. Saindo os dois a voar. O noivo e sua noivinha, Dom Gato e Dona Andorinha".

Essa frase de Jorge Amado expressa claramente o sonho intercultural de Jorge Amado, a importância e a possibilidade do encontro com a Alteridade, como única possibilidade de verdadeira democracia entre os povos. Só seguindo esse seu pensamento o mundo irá prestar para nele se viver em Democracia. Uma democracia que respeite, que tolere, que seja inclusiva, que se enriqueça com as diversidades.

REFERÊNCIAS

- AA.VV. *O Negro no Brasil*. Trabalhos apresentados ao " Congresso Afro-Brasileiro reunido-Bahia-de 1937. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940, p. 325-326
- AMADO, Jorge. *Amado na Academia*. São Paulo: Martins, 1961, p. 23
- AMADO, Jorge. *Gato malhado e andorinha Sinhá*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- AMADO, Jorge. *Dona Flor e i suoi due mariti*. Milano: Garzanti, 2003.
- AMADO, Jorge. *La bottega dei miracoli*. Milano: Garzanti, 2006
- AMADO, Jorge. *Navigazione di cabotaggio*. Milano: Garzanti, 1994
- AMADO, Jorge. Nem a rosa, nem o cravo. Folha da Manhã, 22/04/1945. In:"Figuras do Brasil: 80 autores em 80 anos de Folha", PubliFolha - São Paulo, 2001, pág. 79, organização de Arthur Nestrovski.
- AMADO, Jorge. P.S. Boletim de Ariel, Rio de Janeiro, n. 11, ago. 1933, p. 292
- BENICIO DOS SANTOS, Itazil. *Jorge Amado: Retrato incompleto*. Rio de Janeiro: Record, 1993, p. 73.
- LOPES, Filomeno. *Dalla mediocrità all'eccellenza. Riflessioni filosofiche di un immigrante africano*. Firenze: S.U.I., 2015
- O credo vermelho*. In: Estado da Bahia, 17 de dezembro 1937, p. 3
- OLIVEIRA FREITAS, Waldir. *As Pesquisas na Bahia sobre os Afro-Brasileiros*. In: Estudos Avançados, vol.18 no.50 São Paulo Jan./Apr. 2004
- OLIVIERI.GODET, Rita. *A dimensão da ética intercultural na obra de Jorge Amado*. 2014 <http://amerika.revues.org/4683> (Acesso em: 30 abril 2015)
- ROSCILLI, Antonella Rita. *Zélia de Euà rodeada de estrelas*. Salvador: Casa de Palavras, 2006

ROSCILLI, Antonella Rita. *Jorge Amado: il suo ideale politico attraverso l'opera letteraria*. In: Revista *Sagarana* dirigida por Julio Monteiro Martins, n. 41, 2010. Sezione Saggi (Italia). Disponível em: <<http://www.sagarana.net/anteprema.php?quale=186#:~:text=Divenne%20scrittrice%20con%20il%20libro,per%20tutti%20gli%20esseri%20umani.>> (Acesso em: 30 maio 2020)

ROSCILLI, Antonella Rita. *Letteratura e migrazione*. In: Rivista Patria, 2002, n. 2, p. 48-50

Disponível em: <http://www.anpi.it/media/uploads/patria/2002/2/48_Roscelli.pdf> (Acesso em: 20 maio 2012)

ROSCILLI, Antonella Rita. *Intercultura, o outro e atualidade de Jorge Amado*. Atti del Congresso V SIMELP. Simposio Mondiale Studi Lingua Portoghese. Disponível em: <<http://simelp.it/node/77>>

ROUANET, Sérgio Paulo. 2012. *L'utopia meticcica di Jorge Amado*. Tradução para o italiano de Antonella Rita Roscelli. Rivista *Sarapegbe*, A. I, n. 2. (2012). Número Monográfico. Centenário de Jorge Amado. Disponível em:

<<http://www.sarapegbe.net/articolo.php?quale=49&tabella=articoli>> (Acesso em: 30 abril 2020)